

Texto e autoria no universo da web:

reflexões e apontamentos

patricia margarida farias coelho

PUC-SP

Pós-doutoranda TIDD/PUC-SP.
Bolsista FAPESP.
patriciafariascoelho@gmail.com

marcos rogerio martins

Mestrando FFLCH/USP – Bolsista CNPq.
marcosrmcosta15@gmail.com.

USP

ARTIGOS

patricia
m. f. coelho
&
marcos r. m.
costa

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

RESUMO

Considerando a polêmica que cerca a categoria de autor e o contexto contemporâneo cheio de transformações midiáticas, nosso estudo visa refletir sobre essa categoria dentro do contexto atual, em específico a sociedade digital e o universo da web. Para tanto, trazemos as reflexões e apontamentos de Foucault (1969) e de Barthes (2004) sobre a morte do autor na sociedade moderna. Utilizamos, ainda, o excerto da autora portuguesa Teolinda Gersão como mediador literário do questionamento do autor em nossa sociedade contemporânea capitalista. Essa discussão é de importância dentro do campo de estudo da inteligência coletiva e dos ambientes interativos, bem como da semiótica cognitiva, visto que essas áreas são diretamente afetadas pelas transformações e desdobramentos do universo da web e das relações entre homem-máquina e homem-linguagem.

ARTIGOS

patricia
m. f. coelho
&
marcos r. m.
costa

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

Introdução

“O nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor”

Roland Barthes (2004, p. 64)

Sou lindíssimo, disse o autor fascinado.
Lindíssimo, lindíssimo, lindíssimo.

De tal modo que não posso despegar os olhos do espelho. E tudo o que existe, sou tentado a converter em ‘eu’. Porque só tenho olhos para mim.

Sentou-se na cadeira, cruzou as pernas e começou a devorar o mundo. Engolia, engolia, engordava sem medida e a inflação do eu era tão grande que a certa altura rebentava e caía numa chuva de estilhaços.

E então pacientemente, de gatas, ia procurando os pedaços, aqui e ali, e começava a colá-los outra vez com Araldite. Teolinda Gersão (1984, p.25)

Este pequeno excerto retirado da obra *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984), da autora portuguesa Teolinda Gersão, conta, de maneira sucinta e inventivamente peculiar, as várias polémicas que sucederam e continuam a nos perseguir sobre a categoria do autor. Essa polémica torna-se cada vez mais cotidiana e frequente devido à *facilidade do copiar e colar da web*. Quem é o autor? É aquele que escreve, aquele que reproduz ou aquele que interpreta? Existe verdadeiramente plágio?

Todas essas questões ganham novas e outras tonalidades quando colocamos em discussão a produção/recepção de textos na rede mundial de computadores. Entendemos texto como um todo de sentido, como prevê Greimas e Courtés (2008). Desse modo, seja o dito verbal, visual ou sincrético, todos são alvo de divulgação, cópia e transformação; de modo que a categoria de autor fica frágil, tênue e, em última instância, ambígua. De novo: quem é o autor? Indivíduo, coletivo, instituição ou ideologia? Como classificá-lo? Há classificação?

Dúvidas permeiam, acompanham e se impõem diante da evolução digital. Vivenciamos um momento único, no qual, como pontua Santaella (2007), as linguagens tornam-se cada vez mais promíscuas, elas se misturam, hibridizam e se interpelam. O ambiente digital foi o grande propulsor dessa potencialização da linguagem.

Desse modo, seja em um caixa de banco, seja na palma de sua mão, a tecnologia nos persegue. Celulares, computadores, *tablets*, dentre outras tecnologias são ferramentas que funcionam como

extensões de nosso corpo e de nossas possibilidades sensoriais e sinestésicas, tanto quanto linguísticas (cf. SATELLA, 2010). Daí a problemática de definirmos o que seja um autor.

Considerando essa polêmica que cerca a categoria de autor e o contexto contemporâneo cheio de transformações midiáticas, nosso estudo visa refletir sobre essa categoria dentro do contexto atual, em específico a sociedade digital e o universo da *web*.

Para tanto, faremos uma sucinta exposição das ideias de Foucault (1969) e Barthes (2004) sobre a morte do autor na sociedade *moderna*.¹ Utilizando, ainda, o excerto de Teolinda Gersão acima citado como mediador do questionamento do autor em nossa sociedade contemporânea capitalista.

¹ *Moderno* no sentido de possuir uma tradição que possui seus prenúncios a partir do período renascentista. De acordo com Barthes (2004, p. 58), “o autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvida por nossa sociedade na medida em que, ao sair da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio do indivíduo ou, como se diz mais nobremente, da ‘pessoa humana’ ”.

Essa discussão é de importância dentro do campo de estudo da inteligência coletiva e dos ambientes interativos, bem como da semiótica cognitiva, visto que essas áreas são diretamente afetadas pelas mudanças, transformações e desdobramentos do universo da *web* e das relações entre homem-máquina e homem-linguagem.

Todavia, o que discutiremos é uma reflexão necessária, de modo geral, para todos os campos de investigação, posto que é na teia complexa da linguagem e do homem, que se fia a categoria de autor, alvo de nosso estudo.

Barthes e Foucault: uma reflexão sobre o conceito de autor

Como propriedade linguística e identitária, a categoria de autor causou – e, como estamos debatendo, ainda causa – várias polêmicas teóricas. Historiando sobre essa entidade moderna que sofre,

durante o século XIX-XX, perdurando até nossos dias, século XXI, as agruras de sua escatologia, lembremos que a polêmica sobre a morte da categoria do autor acentuou-se com o estudo de Foucault (1969). Esse estudioso proclamou que o homem não era nem a mais antiga, nem a mais constante preocupação do saber humano, mas uma invenção recente. Nesse momento e com essa afirmação, os estudos do desvanecimento do sujeito autor na sua própria escrita aumentaram quantitativa e qualitativamente. Assim sendo, para Foucault (2004), o desaparecimento do sujeito-indivíduo é uma regra imanente da escrita que, em sua natureza, é um jogo ordenado de signos.

Corroborando para essa reflexão sobre o desvanecimento da categoria do autor, Barthes (2004) apresenta-nos uma chave de interpretação entre a relação autor-obra-leitor. Para Barthes, a escritura é um neutro, um composto e um oblíquo para o qual se lança o sujeito autoral, que não é mais o sujeito ôntico, com biografia e presença no mundo natural, mas aquele que é criado pelo pinçar de sua pena. Desse modo, é sobre o branco e o preto que se encontra toda e qualquer identidade. Questiona-se, assim, a assimilação autoral

ARTIGOS

patricia
m. f. coelho
&
marcos r. m.
costa

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

direta com o ser ôntico. Propõe-se que, ao contar um fato, é inevitável que o desligamento aconteça: fica o ser ôntico, cria-se o sujeito ficcional. A voz pessoal-biográfica perde a sua origem. O autor-homem entra na sua própria morte. A escritura começa. Então, os sujeitos ficcionais adentram o palco da narrativa.

Todo esse esquema barthesiano funcionaria muito bem até hoje, se mantivéssemos as mesmas ferramentas de outrora: papel, caneta e tinta. Ou a mesma estrutura aristotélica de texto: começo, meio e fim. Essa configuração tradicional permitiria que as ideias propostas por Barthes e Foucault fossem inquestionáveis e, portanto, verdadeiras para um sem fim de tempo. Porém, hoje, temos outras mídias, como ressaltamos acima, e estas elaboram uma forma de lidar e compreender a escritura, a linguagem e a própria autoria de uma maneira totalmente distinta. Não basta mais distinguir o ser ôntico (em termos semióticos, sujeito empírico) do autor (semioticamente, ator da enunciação), temos que repensar conceitualmente a questão da autoria.

Teolinda, compreendendo o jogo ficcional entre obra e autor, consegue adentrar no âmago dessa discussão, e nos dá a resposta de sua reflexão dentro da própria trama narrativa. Em sua meta-narrativa, mostra, a princípio, um autor narcísico que possui em suas mãos o mundo, ou melhor, ele é o próprio universo, uma vez que ele o devora. Sendo assim, concebe-se um Autor-Deus, onisciente, onipresente e onipotente, capaz de engolir o universo ao seu redor.

Essa concepção de autor é a que vigorava até o início do século XIX, claro que com algumas e importantes exceções como Gógol, Dostoiévski e outros pilares literários – o

ARTIGOS

patricia
m. f. coelho
&
marcos r. m.
costa

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

que não convém alongarmos nessa nossa exposição. Segundo Barthes, esse tipo de autor é alicerçado pelo grau de ascendência com sua obra, isto é, há uma crença que o assevera como unidade e instituição. Isso porque

O livro e o autor colocam-se a si mesmos numa mesma linha, distribuída como um *antes* e um *depois*: considera-se que o Autor *nutre* o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive por ele; está para sua obra na mesma relação de antecedência que um pai para com o filho. (BARTHES, 2004, p. 61, grifo do autor)

Contudo, essa concepção, como evidencia Foucault (1969) e Teolinda narra ficcionalmente, é estilhaçada. O Autor-Deus eclode em mil frangalhos. Nasce um novo espécime de autor, o Autor-fragmento – na nomenclatura de Barthes (2004) o *scriptor moderno*. Nessa outra percepção da voz autoral, o Eu do autor não mais *engole* a matéria literária, afinal, ele perdeu seus *oni-poderes*. Segundo Barthes, o que caracteriza esse novo artífice das letras é a simultaneidade com seu tempo, esse autor não mais possui um horizonte confortável de observação, não está à frente nem atrás de seus personagens, mas ao lado deles. Suas

personagens, por sua vez, não são mais marionetes de sua pena; a concepção dialógica e os recursos irônicos e paradoxais de nossa contemporaneidade tonificaram o texto literário, quebrando suas correntes e, em alguns casos, dando-lhes até a alforria, prenunciada por Bakhtin no romance polifônico.

No meio digital, essa configuração potencializada relatada por Barthes dentro do campo literário ganha novos horizontes. Primeiro, em acordo com Murray (2003), temos uma narrativa multissequencial ou narrativa multiforme. Esse tipo de narrativa permite o *interator* ir de uma fase a outra através de distintas maneiras sem que se perca a narrativa da história². Portanto, ancorando-nos em Murray (2003), podemos depreender que uma história multiforme é uma narrativa, na qual múltiplas e distintas versões podem ser geradas a partir de uma mesma representação fundamental. Possibilidade precária ou impossível na manifestação textual das mídias impressas. Eis um dos principais diferenciais das possibilidades do universo da *web*.

² Para autora Murray (2003), tanto o emissor quanto o receptor constitui um interator, visto que ambos participam da narrativa.

ARTIGOS

patricia
m. f. coelho
&
marcos r. m.
costa

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

Segundo, essa configuração de narrativa multiforme permite um alargamento da concepção de posicionamento da categoria discursiva de pessoa. Aquele que posta um recado verbal, visual ou sincrético não tem mais posse sobre aquilo e, por isso, seu domínio de autoria torna-se frágil. O que não ocorre nas mídias impressas de modo tão frequente e comum. Esse fenômeno reverbera negativamente nos fóruns jurídicos, visto que a legislação de nosso país encontra-se, ainda, defasada no que tange a proteção legal da propriedade intelectual, em específico a autoria na esfera digital.

Da diferença entre a ágil transformação midiática e o moroso olhar jurídico, nasce a questão tão em voga do plágio. Na rede mundial de computadores, todos têm acesso a redes sociais que cultuam a ferramenta intitulada *compartilhar*, como, por exemplo, *Facebook*, *Twitter*, *Tuenti* etc. Compartilhar é muito mais do que expor um conteúdo de outrem, é partilhar da ideia do outro e, conseqüentemente, de seus valores, sejam eles éticos, morais ou ideológicos. Por isso, definir uma fronteira entre o *meu* e o *nosso*, a partir da ideia e da difusão do ato de compartilhamento, é tão difícil

quanto resolver o dilema de nossa origem: da evolução darwiniana ou da criação divina?

Desse modo, escrever já não pode instituir uma simples operação de registro, de verificação, antes deve ser um ato performativo da linguagem, que permite desbravar os labirintos desta, auxiliando o próprio processo ficcional a alicerçar as origens de sua invenção. O tema da invenção, em termos retóricos, não deve ser tratado como resultado das apreensões idênticas do homem natural biográfico, que executa a ação de escrever com o mundo, de forma simplista; nem das relações que constituem uma representação direta e perfeita do universo social, ao qual o autor-homem se insere, como já previa Barthes e Foucault, de maneira antropológica e social. De modo diferente, a invenção no universo da web é constituída pelos estilhaços da linguagem, que o autor contemporâneo de mídias interativas vai colhendo. Assim sendo, o *scriptor moderno* de Barthes que buscava para formatar sua face ficcional o encontro com o outro, o leitor. Agora, a interação é a força que agrega esses estilhaços e permite a coexistência desses textos.

No mundo digital, portanto, não é mais o *scriptor* moderno, temos o *interator*. Sujeito que desempenha simultaneamente dois papéis: ator do enunciado (o dito) e ator da enunciação (agente do dizer). Ele é criador e criatura das manifestações linguísticas e semióticas que o cercam, posto que pode utilizar do discurso do outro e fazer-se outro com o mesmo enunciado em tempo real e de maneira multissequencial.

Consequentemente, como sabemos pelos pressupostos saussurianos que a linguagem é heteróclita e multifacetada, um texto não é feito de uma linha unívoca de discursos, o que pretendia o comando do Autor-Deus, mas um espaço de multiplicidades, onde se entrecruzam e se fundem escritas diversas. Espaço potencializado pelas manifestações discursivas e textuais do universo da *web*.

Portanto, notamos que, no universo digital, a escritura e a autoria se modificaram. Houve uma fusão entre a realidade e a fantasia, uma vez que tudo pode e é colocado em xeque, pois, como já apontava Barthes (2004, p. 62): “o texto é um tecido de citações, saldas dos mil focos da cultura”. Indo

para além do texto literário concebido por Barthes, os focos são múltiplos e de possibilidades mil. Por isso, a autoria não pode ser definida com a fineza médica, nem com a invenção retórica simplesmente, mas deve ser posta em debate para assim refletirmos sobre as transformações advindas das revoluções midiáticas.

A autoria e o texto

Se o texto é um composto de vários discursos e o universo da *web* é um exemplo claro desse processo de escritura multifacetado – principalmente nas redes sociais –, podemos, depreender que as categorias de outrora de autor-homem e o Autor-Deus estão afastados da atual concepção de autor. Desse modo, assevera a pluralidade discursiva inerente à matriz do texto, principalmente no digital em detrimento da pretensão de *decifrar totalmente* um texto, como se ele fosse uma unidade fechada em si. Não podemos mais conceber um autor genérico e onipotente para todas as mídias – sequer para os gêneros oficiais. O texto

ARTIGOS

patricia
m. f. coelho
&
marcos r. m.
costa

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

convoca o evento, o fenômenos, por isso colocar uma etiqueta genérica seria impor ao texto, principalmente o inserido no universo da *web*, um mecanismo de segurança, dotando-o de um significado último, em suma, fecharíamos seus sentidos por meio da camisa de força autoral.

Essa é muitas vezes a empreitada do crítico literário, por exemplo, quando ele convoca o autor para explicar o texto ou a sociedade dele para interpretar sua obra. Por isso, Barthes (2004) ressalta que talvez o reinado do Autor também pode ter sido a do Crítico, ambos foram as entidades últimas no universo ficcional, com a principal diferença, que o primeiro tinha seu poderio dentro da obra, enquanto que o segundo, fora dela. Contrapondo-se a essa perspectiva monológica das estruturas do texto e de suas interpretações engessadas, Barthes (2004, p. 63, *grifo do autor*) propõe que, na escrita múltipla, como podemos inferir a partir do texto de Teolinda (1984), “tudo está para ser *deslindado*, mas nada está para ser *decifrado*”.

O mesmo pode ser dito do texto digital. A categoria de autor, embora postulemos que haja uma estrutura textual que possa ser apreendida – como prevê a semiótica de linha francesa e os estudos do discurso –, em suas bases e níveis discursivos, não deve ser uma camisa de força de toda ou qualquer produção linguística ou semiótica. O autor é, como disse Foucault (1969), uma invenção de nossa cultura e de nossos costumes.

Não podemos exigir, por conseguinte, que haja autoria concreta, empírica e determinada em todo texto, posto que a autoria é um construto sócio-histórico-cultural. Logo, as redes digitais explicitam – como em nenhum outro momento da história e da sociedade – essa realidade: a categoria de autor não é mais do que uma construção ideológica sobre um fato.

Portanto, podemos, como seres inventivos e inquietos, propor um método dedutivo ou indutivo, geral ou particular para apreender a autoria de um texto. No entanto, a matéria escritural não tem fundo

ARTIGOS

patricia
m. f. coelho
&
marcos r. m.
costa

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

e nem fim, isto é, *o espaço da escrita percorre-se, não se perfura*, como disse Barthes.

Assim, apesar de termos ferramentas de descrição e análise, a escrita não pára de fazer sentido, e este está sempre a se diluir em cada uma das interpretações possíveis. Daí a fluidez do hipertexto e de sua imaterialidade fazer com que o conceito de autoria se desvaneça nas inúmeras possibilidades de origem de um texto, bem como de um sem fim de opções de destino e de destinatário.

Dessa maneira, texto e autoria empírica não são unidades indissociáveis, pois autor e texto podem apresentar-se de maneira divorciada. Seja pela ambiguidade do texto, seja pelo anonimato do escrito, ou pela divulgação difusa e controversa, um texto é uma unidade e a autoria empírica é outra. Se outrora, necessitávamos emparelhá-los lado a lado, hoje isso já é uma prática ineficiente, posto que, na rede mundial de computadores, estando todos conectados, estamos em qualquer lugar a qualquer hora, compartilhando nossos textos, ideias e valores.

Considerações finais

Diante da polêmica da categoria de autor, recusando-nos a encontrar um sentido último e exato ao texto e ao autor, estamos a compreender o sentido como um múltiplo de significação, que não pode ser definido em sua completude. Desse modo, semelhante aos cacos do autor que uma vez eclodido não podem se restaurar com perfeição, o sentido pretendido uma vez colocado na trama do texto adquire sobre o olhar do interator uma plurissignificação. Com efeito, o sentido de um texto não pode mais enquadrar uma categoria única e isolada, como a de autoria baseada no sujeito empírico.

Analisando o universo da *web*, compreendemos que há um lugar onde toda essa multiplicidade de sentidos e vozes pode se reunir: *blogs*, Twitter, Facebook, Tuenti etc. Ressaltamos, ainda, que essas vozes se reúnem, mas não se anulam. Elas dialogam, compartilham pontos de vista e se expandem conforme as possibilidades e as ferramentas que as sustentam.

ARTIGOS

patricia
m. f. coelho
&
marcos r. m.
costa

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

Para Barthes (2004), o texto literário tem sua resposta no leitor, ou seja, se antes a explicação de autoria estava na ascendência, no demiurgo autor, ela passa, então, a estar na descendência do texto, ou seja, seu público leitor. Na acepção que propomos de autoria, como dissemos, não é um fato inerente ao texto baseado no sujeito empírico. Diferentemente, colocamos a autoria na teia de relações, que engendram, formam e permeiam o texto. Ancoramos essa acepção nas mídias do meio digital que não é uma unidade isolada, mas é um complexo rizoma, no qual se repudia a causalidade linear e a sequencialidade absoluta. Assumindo esse posicionamento, o universo da *web* transforma as condições de tempo e espaço, inclusive as relações travadas entre sujeito e objeto. Daí haver essa soltura das rédeas autorais e da própria concepção de autor e obra.

Anuncia-se, desse modo, no contexto barthesiano, o lugar onde o texto se escreve: a leitura. Parte-se, portanto, da obra para o texto. É o leitor que dá ao texto suas múltiplas significações, licenciadas pelas diversas escrituras da narrativa que dialogam, parodiam-se e contestam-se.

No entanto, indo além Barthes e depois de Foucault, o universo digital permite outra concepção de autoria. Partindo do princípio que o autor deve dialogar com a organização do texto, autoria e texto são conceitos interdependentes. Contudo, nenhum texto necessita em todos os casos de uma autoria empírica, determinada e absoluta para se constituir efetivamente como texto. Se fosse diferente disso, ficaríamos na polêmica *ad infinitum*: quem é o autor?

REFERÊNCIAS

ARTIGOS

patricia
m. f. coelho
&
marcos r. m.
costa

teccogs

n. 7, 156 p,
jan.-jun, 2013

- BARTHES, R. A morte do autor. In: _____. **O Rumor da Língua**. Tradução de Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, M. **A palavra nua de Foucault**. Tradução de Clara Allain. *Folha de São Paulo*, 22 de Novembro de 2004.
- _____. Qu'est-ce qu'un auteur? **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, 63º ano, no 3, julho-setembro de 1969, p. 73-104.
- GERSÃO, T. **Os guarda-chuvas cintilantes**. **Diário Ficcional**. Lisboa: O Jornal, 1984.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- MURRAY, J. H. **Hamlet no Holodeck. O futuro da narrativa no ciberespaço**. Tradução de Elissa Khoury Daher e Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural; Unesp, 2003.
- SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.